

HOMENAGEM A DINA E CLAUDE LÉVI-STRAUSS: EXPOSIÇÃO 1937, PARIS

Telê Ancona Lopez*

Na mina de todos os veios que é o Acervo Mário de Andrade, no patrimônio do Instituto de Estudos Brasileiros da Universidade de São Paulo, entre os livros que pertenceram ao autor de *Macunaíma*, encontra-se o catálogo da exposição *Indiens du Matto-Grosso: Mission ethnologique au Brésil de Claude et Dina Lévi-Strauss*/ Novembre 1935 - Mars 1936.

A exposição, montada na galeria que a *Gazette des Beaux-Arts* dividia com o *Beaux-Arts*, no número 140 do Faubourg St.-Honoré, mostrava em Paris, entre 21 de janeiro e 3 de março de 1937, uma abordagem científica moderna da cultura indígena. Para a cerimônia da inauguração, presidida pelo ministro da Educação da França e pelo embaixador brasileiro Souza Dantas, o casal Lévi-Strauss convidou seu amigo e Diretor do Departamento de Cultura da Municipalidade de São Paulo. Mário de Andrade, o viajante à roda de seu estúdio, não foi ao encontro dos amigos. Conservou, entretanto, dentro do catálogo, o convite elegante, em papel creme, ingresso para duas pessoas, recomendando traje passeio.

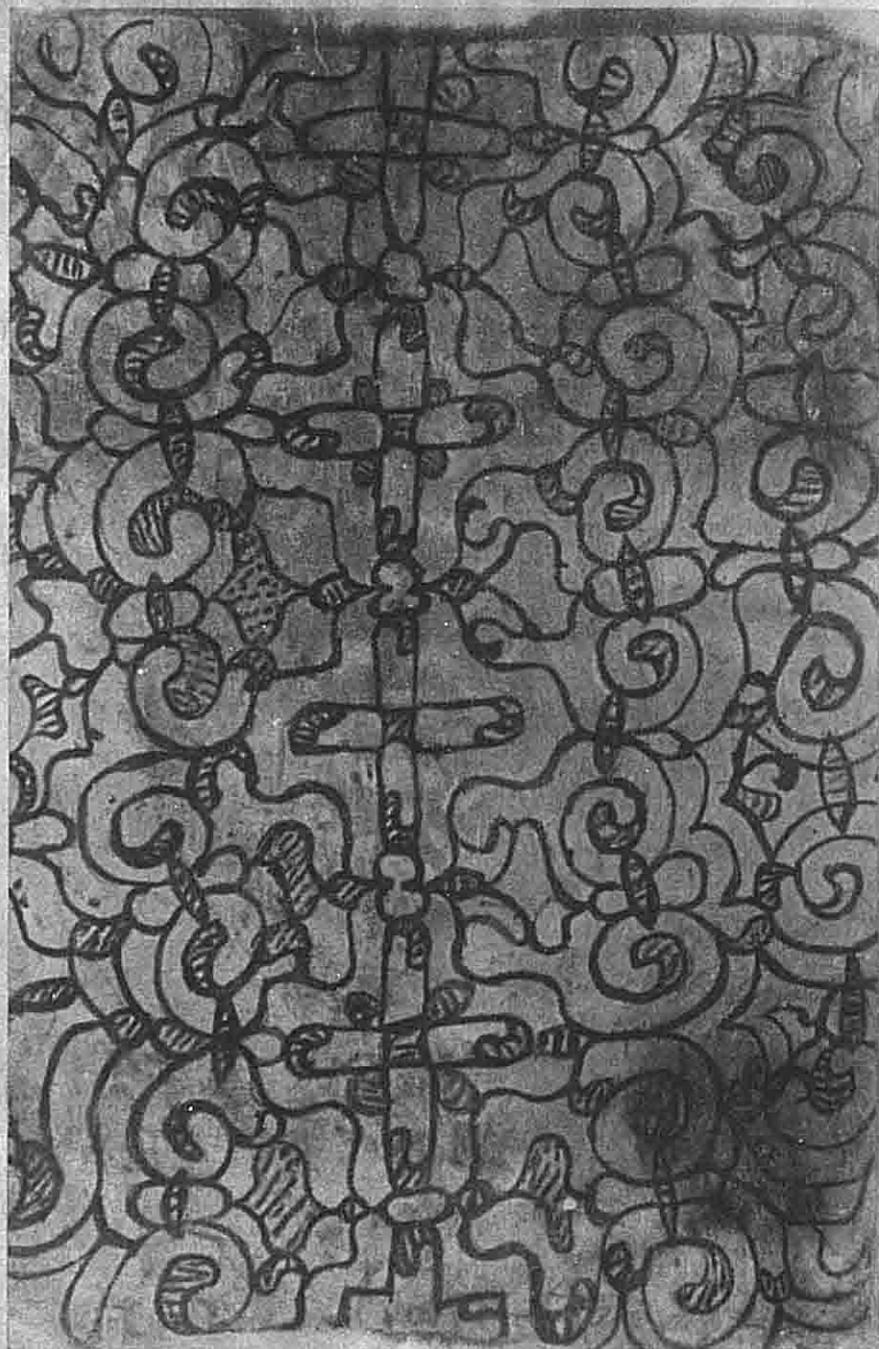
A missão proposta pelo Governo da França aos dois etnólogos através do Museu do Homem, parcela do Museu Nacional de História Natural, havia se ampliado no patrocínio do Departamento de Cultura, conjugado ao do Governo do Estado de São Paulo e ao do Museu Nacional do Rio de Janeiro. Claude, como outros compatriotas franceses, emprestava seus esforços à nascente Universidade de São Paulo. Para Dina fora criado, junto ao Departamento que priorizava a democratização da cultura na capital paulistana, um Curso

* Docente/Pesquisadora na Área de Literatura do IEB/USP.

de Etnografia e Folclore, o qual, sob o incentivo de Mário, pôde desenvolver uma pedagogia nova ligada ao trabalho de campo. Desse curso decorreria, no mesmo ano de 1937, a Sociedade de Etnografia e Folclore, que registrou as próprias realizações em um Boletim muito sério, durante 7 números e 3 anos.

O catálogo *Indiens du Matto-Grosso*, opúsculo muito bem impresso em papel couché (24 cm; 13 páginas), tem na capa a belíssima foto de um bororo e, logo após a "Apresentação" escrita por Paul Rivet, Diretor do Museu do Homem, outra, captando a maestria do desenho caduveu. O texto assinado C. e D. Lévi-Strauss detém-se na cultura dos caduveus e dos bororos, terminando em rápidas informações sobre os objetos guaranis escolhidos. Estudo severo, sem esquecer o humor, tudo registra com acuidade, exemplificando os usos e costumes das tribos focalizadas por meio de 84 peças expostas: 22 dos caduveus, 60 dos bororos e 2 dos guaranis. Desenho, cestaria, cerâmica, tecelagem, brinquedos, armas e imagens de cunho religioso não se enfileiram em um arrolamento à parte, mas, integram, numeradas, o discurso dos etnólogos, compreendidas em um contexto. A menção ao mapa e ao plano do aldeamento de Quejara, leva a crer que esquemas desenhados pelos pesquisadores também compunham o material da exposição. O texto do catálogo vale como uma primeira síntese, uma espécie de esboço que transpõe, por certo, notas tomadas em cadernetas de campo, durante a viagem. Síntese que se alargaria como as partes 6 e 7 de *Tristes tropiques*, livro publicado apenas em 1955 (Paris, Plon), sob a autoria única de Claude Lévi-Strauss. Texto memória, prende certos pontos depois esquecidos e testemunha quais as peças expostas.

O caráter de texto apressado, utilizando quase que exclusivamente o verbo ser, vê-se redimido pela plasticidade das imagens reveladoras de um forte sentimento da paisagem e pelo marcado respeito pela cultura do índio. Nessa direção, o estudo não foge à denúncia explícita, os Lévi-Strauss firmando-se como pioneiros, ao lado de Rondon, na defesa dos direitos dos povos das florestas brasileiras. A linguagem simples e precisa faz questão de aproximar as tribos ao dia a dia dos franceses, ao pegar, por exemplo, o termo "caraco" para descrever o corpete das moças caduveu. Do mesmo modo, lança mão do vocabulário do português do Brasil e de palavras indígenas, adotando ou não aspas, para melhor transmitir uma realidade diversa daquela da sociedade européia, chegando mesmo a errar em "tatu-canastrO". Assim, "urucum", "seringueiros", "barigara", e tantos outros vocábulos de fácil compreensão no seio da frase, convivem às vezes com curiosas combinações como "caravanes des Bandeirantes" ou "capitão do Rio Vermelho", sem maiores esclarecimentos. Apenas em *Tristes tropiques* chefe bororo ganhará descrição mais detalhada. Esta tradução respeita o uso original das aspas e a numeração das peças. Reproduz as duas fotos do catálogo e a elas junta outras que julgou de interesse, buscando-as no encarte final da edição brasileira do livro.



PEAU PEINTE. INDIENS KADUVEO

"Pele pintada". Foto Lévi-Strauss. In: *Indius du Matto-Grosso* (v. foto anterior)

Le Directeur de la "Gazette des Beaux-Arts"

vous prie de bien vouloir assister, le Jeudi 21 Janvier 1937, de 21 à 23 h. 30 à la GALERIE DE LA "GAZETTE DES BEAUX-ARTS" et de "BEAUX-ARTS", 140, rue du Faubourg St.-Honoré, à l'inauguration de l'exposition organisée par le MUSÉE DE L'HOMME

INDIENS DU MATTO-GROSSO

(Mission ethnologique au Brésil de Claude et Dina Lévi-Strauss)

qui aura lieu sous le patronage de M. Jean ZAY, Ministre de l'Education Nationale et de Son Exc. Luis de Souza Dantas, Ambassadeur du Brésil.

Tenue de ville

Invitation pour 2 personnes

MUSEU NACIONAL DE HISTÓRIA NATURAL/ MUSEU DO HOMEM
ÍNDIOS DO MATO GROSSO
(Missão Claude e Dina Lévi-Strauss)
Novembro 1935 - março 1936
CATÁLOGO DA EXPOSIÇÃO REALIZADA NA GALERIA DA
GAZETTE DES BEAUX-ARTS E DE BEAUX-ARTS - PARIS, 21 jan.- 2
fev. 1937.

O Museu do Homem tem a satisfação de apresentar as coleções etnográficas que o Prof. Claude Lévi-Strauss, da Universidade de São Paulo, e Mme. Lévi-Strauss, titular da cátedra municipal de etnografia e folclore de São Paulo, reuniram ao longo de uma viagem efetuada no estado de Mato Grosso, em 1935/36.

Durante quatro meses, M. e Mme. Lévi-Strauss permaneceram entre os índios Caduveo e Bororo, povos profundamente diferentes do ponto de vista da língua e da cultura, cuja importância para a etnografia americana é de indiscutível primeiro plano.

A missão que o governo francês havia confiado a M. e Mme. Lévi Strauss foi duplicada por outra do governo do Estado de São Paulo e do Departamento de Cultura da Municipalidade paulistana. Devemos exprimir, nesta ocasião, nosso reconhecimento às autoridades paulistas, assim como ao Museu Nacional do Rio de Janeiro que houveram por bem emprestar seu patrocínio científico à expedição.

Esta colaboração entre os dois países é um novo testemunho - que nós registramos com alegria - dos laços intelectuais que unem a França e o Brasil, dos quais as jovens Universidades de São Paulo e do Rio de Janeiro são símbolos vivos.

A exposição não teria sido possível sem a generosa hospitalidade que M. Georges Wildenstein, diretor da *Gazette des Beaux-Arts*, ofereceu ao Museu do Homem, por algumas semanas ainda impossibilitado de acolher os visitantes em suas dependências. Agradecemos essa nova prova de amizade. Agradecemos também os gentis colaboradores que contribuíram, com tanto ânimo, para a montagem das exposições.

Paul Rivet.

INTRODUÇÃO

Ninguém sabe ao certo quantos indígenas vivem ainda na floresta brasileira. Pode-se dizer 200 mil, pode-se dizer 3 milhões... A verdade se encontra, sem dúvida, mais próxima do primeiro número, se pensarmos nos espaços imensos que um punhado de primitivos reivindica, ignorando a agricultura e o pastoreio,

para encontrar, através de meios rudimentares, sua subsistência. Não se pode, todavia, compreender a incerteza em que se fica, ao considerar o excepcional destino do continente sul-americano, de todas as terras virgens a mais rapidamente ocupada, rasgada de ponta a ponta, mas, que, em nossos dias, é aquela que ainda se apresenta como a mais desconhecida. Fenômeno claramente explicável. Os imensos rios do continente brasileiro ofereceram aos exploradores que ali chegaram, desde o século XVII, vindo do litoral paulista, admiráveis vias de penetração até as terras do ouro e do diamante. Na metade do século XVIII, o sul brasileiro foi ligado à Amazônia pelo vale do Tapajós. Duzentos anos apenas após a descoberta, um território quase tão vasto quanto a Europa foi assim ocupado.

De uma parte e de outra das margens, a floresta, a savana se estendem por milhares de quilômetros sem ponto de demarcação, sem qualquer uma dessas inflexões geológicas, climáticas ou geográficas que o homem gosta de escolher para se orientar. Ainda hoje, oferecem a mesma visão insondável ao navegante dos rios costumeiros. Na costa brasileira, cidades prodigiosas se ergueram; uma civilização autônoma, tão complexa como a da Europa ou a dos Estados Unidos desenvolveu-se; um imenso país foi projetado, colonizado, explorado. Entretanto, a dois mil quilômetros, a um vôo de pássaro dos arranha-céus, das fábricas, das culturas industriais de São Paulo e das luxuosas praias do Rio de Janeiro, aqueles que vêm no ar os grandes hidro-aviões da Panair são os filhos dos mesmos índios que viam desfilar, há dois séculos, as caravanas dos "Bandeirantes".

Bem diminuídos em número, contudo. Desde os primórdios da colonização da terra, os indígenas foram exterminados em terrível barbárie. As doenças introduzidas pelo homem branco - das quais, as mais benignas adquiriram, nesse novo meio, um poder insuspeitado - causaram danos ainda mais devastadores. Honra o Brasil ter concebido um homem cuja vida inteira foi e permanece consagrada à causa desses povos primitivos, reduzidos a grupos ínfimos e dispersos. Durante mais de vinte anos, o Gal. Rondon viveu quase que exclusivamente na floresta tropical, ao lado de um corpo de jovens oficiais, dos quais exigia o juramento de jamais se defenderem pelas armas. Muitos morreram sem que o juramento fosse traído. Aos ataques, às emboscadas - facilmente explicáveis pelas cruéis experiências vividas - a Comissão Rondon respondia deixando no local do conflito víveres e utensílios. Depois de meses de esforços ganhava a confiança dos indígenas; ao mesmo tempo, sabia pôr um freio na brutalidade dos pioneiros e convencer uma nação jovem que não se tem recursos para pretender a ocupação integral do solo quando se desdenha a história comum do homem e da paisagem, história que, ao longo de milênios, as ocupações primitivas escreveram. Diríamos que esta obra de proteção está longe de ter chegado a um bom termo. O garimpeiro do ouro e do diamante ou aquele que extrai a borracha continuavam a perseguir os índios até o fundo dos mais secretos retiros. Mesmo lá, representam aliados do mundo civilizado. A depressão econômica, o esgotamento das jazidas de matérias-primas

fizeram, por um tempo, reinar silêncio na floresta. O machado dos seringueiros calou-se. A crise mundial deu ao selvagem uma trégua de tranqüilidade.

Todavia, os destinos estavam traçados. Mesmo isolado, mesmo protegido, o índio não pode mais viver. Os territórios que lhe são concedidos, por mais vastos que se mostrem à nossa visão de fazendeiros, constituem reservas de caça muito pobres, onde os animais de pequeno porte acabam rapidamente. Em uma floresta devastada, na qual os frutos não renascem, onde a caça desaparece, as tribos antes numerosas, as aldeias antes com centenas de casas se reduzem e se estioham. Em nome de uma previdência muito necessária, os selvagens desenvolvem métodos de "birth control" aperfeiçoados. No afundar da base demográfica, a vida coletiva se esfacela, as técnicas degeneram, as antigas crenças são esquecidas. Pouco tempo resta para recolher o que ainda existe e que logo desaparecerá.

Nessa decadência, o Estado do Mato Grosso continua um espaço precioso para o etnógrafo. É lá que vivem ainda a população indígena mais numerosa e aquela que apresenta a mais rica diversidade de língua e cultura.

Esse imenso território, quase três vezes o tamanho da França, oferece tripla fisionomia: ao norte, os grandes afluentes da margem direita do Amazonas, Xingu, Tapajós, espalham-se e vêm se espessar sobre suas margens a grande floresta equatorial. Nasceram na região central; terras altas que, através de milhares de quilômetros, estendem uma savana espreiada. Ao sul, outros pequenos rios convergem para rios extensos, às vezes com uma dezena de quilômetros, Paraguai, Paraná que, mais ao sul ainda, formarão o rio da Prata. Os vales desses afluentes incontáveis fundem-se, misturam-se numa intrincada malha de águas dormentes onde não se distinguem os cursos d'água, os lagos, os braços mortos. Onde as aldeias se transformam durante meses em povoações lacustres; onde os "vaqueiros" embarcados na piroga conduzem os rebanhos à pastagem, onde os prados sempre verdes dissimulam as águas imóveis. Esta é a terceira região do Mato Grosso, o Pantanal, o maior pântano do mundo onde os zebus pastam entre vôos de garças e flamingos.

As coleções aqui expostas provêm dessas duas últimas regiões: a dos planaltos e a dos pântanos.

ÍNDIOS DO PANTANAL: OS CADUVEOS

Há uns sessenta anos, o pintor italiano Guido Boggiani, que viajava pelo sul brasileiro, resolveu visitar uma pequena aldeia principal indígena situada no meio do pântano, na margem esquerda do rio Paraguai. Teve que viajar de piroga durante muito tempo através das planícies inundadas pelas chuvas, mas, logo que atingiu Nalique, centro da civilização Caduveo, um inusitado espetáculo o espera-



"O Pantanal". In: Lévi-Strauss, C. *Tristes Trópicos*. São Paulo, Anhembi, 1957. Acervo Biblioteca/IEB.

va. Encontrou ali uma das últimas tribos descendentes da grande nação guerreira Guaicuru, que os missionários do séc.XVIII descreveram. Nas vastas casas coletivas sem paredes, ele viu mocinhas de cabelos negros cortados curtos, belas como ídolos da Ásia, cujos pescoços, pulsos e tornozelos estavam cobertos de jóias de metal lavrado. Viviam nuas e passavam os dias a recobrir mutuamente o corpo inteiro e o rosto com uma rede de arabescos pintados, de uma finura e elegância inesquecíveis, que lembravam aos antigos jesuítas os mais raros tapetes da Pérsia. Boggiani viveu longos meses entre esses homens e mulheres para os quais as artes, a vida, os gestos e mesmo a alocação tinham algo de hierático. Os netos daqueles que ele conheceu é que fomos encontrar.

Muito pouco subsiste do esplendor antigo e os poucos objetos de bom estilo que se vêem aqui nas vitrines são os últimos vestígios de uma cultura já morta. Nós encontramos Nalique e suas casas coletivas reduzidas a algumas cabanas espalhadas pela planície. As grandes epidemias dizimaram os indígenas, apesar do fascínio das mulheres Caduveo provocar o afluxo de pretendentes de todas as origens. Juntamos a isso a sedução de uma reserva indígena situada numa região de fronteira, para todos aqueles que, neste ou em daquele país, tinham problemas com a polícia. A cultura indígena que já teria muita dificuldade em se manter por ela própria, afundou sob esses fatores. Nalique hoje não é mais que uma aldeia de mestiços, onde apenas algumas mulheres velhas preservam sozinhas as tradições. Nenhuma criança é mais de puro sangue Caduveo.

A VIDA NAS ALDEIAS

É preciso imaginar o pantanal se estendendo até o horizonte, plantado de palmeiras e árvores espalhadas que lhe dão a aparência de um gigantesco jardim. Ao longe, rompendo bruscamente a monotonia desta paisagem uniforme, a massa triangular de um "morro" recorta-se contra o céu cinza-chumbo. Uma pequena elevação de terra argilosa, erguida a alguns metros da superfície do pantano, algumas cabanas retangulares formadas por uma dúzia de troncos de árvores dispostas em intervalos regulares e cobertas por um teto comum de folhas de palmeira, eis Nalique. Sob cada um desses abrigos sem parede, quatro ou cinco famílias agrupadas ao redor de um ancestral feminino comum, vivem sob a ramagem.

As mulheres e as meninas ocupam suas horas depilando o rosto e o corpo com uma pequena pinça que cada qual traz pendurada ao pescoço (1). As moças, em poses de ídolos, vestem-se agora de algodãozinho comum brasileiro: sobre a tanga ao redor dos quadris, um corpete curto deixa o ventre nu. As jóias antigas - anéis, braceletes de pulso e de tornozelo, colares feitos com moedas amassadas

sobre a lâmina do machado (2) - os adereços de pérolas brancas e azuis (3) estão desaparecendo com a entrada dos vidrilhos modernos.

Os desenhos corporais executados com uma espátula de bambu embebida no suco azul escuro da fruta do "jenipapo" restringem-se ao rosto. As índias reproduziram de bom grado, sobre folhas de papel que nós lhes oferecemos, os motivos improvisados a cada dia na toilette matinal (4). É com uma espantosa segurança na mão, sem esboços ou medidas, que são traçadas as volutas, as espirais e os ornatos.

Dentro de uma concepção decorativa mais ampla, mas igualmente atribuição das mulheres, as pinturas sobre pele de "veado" (5) comparecem às cerimônias e às festas: os Caduveo têm o costume de se acocorar no chão e os couros pintados fazem o papel de tapete.

Enquanto as mulheres pintam, fazem cestaria (6) e cerâmica, os homens esculpem figurinhas de madeira, trabalham a terra ou viajam pelas planuras pantanosas montados em bois de sela. Grandes bebedeiras seguem algumas vezes as danças mascaradas, ao som de flautas (7). Terminam inevitavelmente em crises de desespero; o bêbado soluçando é tomado pelos braços por dois companheiros que passeiam com ele, prodigando-lhe mimos. Quando se acalma, volta a beber.

Os filhos vivem bem perto dos pais; confeccionam pequenos objetos de cerâmica ou de cera e brinquedos de trançado de palha. As meninas verificam dez vezes por dia a própria virgindade, tentando passar a cabeça através de um laço de cordão preso aos dentes, tendo por medida duas vezes o comprimento do pescoço; a comprovação é negativa em caso de insucesso. Ambos os sexos têm verdadeira paixão pelas bonecas de madeira ou de osso (8).

A TECELAGEM

Os Caduveo não cultivam o algodão. Conhecem, entretanto, o algodão selvagem que as mulheres fiam em fusos de madeira, às vezes curiosamente esculpidos (9). Elas o empregam na confecção das cintas largas com que os homens se cingem (10), ou para tecer redes que servem - salvo em viagens - mais para a sesta do que para o sono prolongado.

Uma dessas redes, em fase de fabricação, permite que se compreenda a técnica da tecelagem (11); é praticamente a mais primitiva. O tear, composto de duas traves horizontais, fica amarrado verticalmente aos pilares da choça. As lançadeiras são simples pauzinhos, nos quais o fio é enrolado. Os elementos pares e ímpares da urdidura são alternadamente levantados por uma lâmina de madeira e por uma rede de anéis de algodão que a tecelã estende com os dedos.



10

"Adolescente caduveo, preparada para a sua festa de puberdade". *Idem, ibidem.*

A CERÂMICA

A argila é encontrada em diversos pontos das terras baixas que cercam o rio Paraguai e os homens fazem longas viagens para obtê-la. É esse, afinal, o trabalho deles - a cerâmica é obra feminina. A bola de argila, à qual foi previamente misturado pó de cacos de potes velhos, é colocada sob o pé direito da mulher acocorada; ela a escava para moldar o fundo do vaso que se levanta progressivamente através da junção de cilindros dispostos em espiral. A peça em seguida é polida com uma concha. Começa então o trabalho de decoração com uma cordinha de fibra de bromélia selvagem do tipo das utilizadas na confecção de sacolas e redes (12). A corda comprimida na argila fresca deixa ali um sulco denteado que o artista desenvolve sem plano previsto.

O vaso é em seguida decorado em vermelho com óxido de ferro natural diluído em água (13). Deixa-se então secar algumas horas ao sol, depois passa-se ao cozimento em um forno onde a madeira seca deve ser queimada até o fim sob um couro.

Com a peça ainda quente, as partes reservadas à decoração são envernizadas de um negro esverdeado com resina de "pau-santo" (14). Por fim, lava-se rapidamente com um leite de giz diluído que se deposita e se fixa nos sulcos traçados pela corda. As tribos vizinhas, como os Terenos, esforçam-se em cópias canhestras (15).

Os tipos principais são: os grandes potes para água colocados em todas as casas sobre uma forquilha (16), as vasilhas para grãos e frutas (17), as panelas, os garrafões (18) etc...

VIDA ESPIRITUAL

Quase nada sobrevive das antigas crenças. As aldeias possuem ainda feiticeiros cujo equipamento se reduziu ao chocalho ritual e ao espanador de plumas de ema, nas quais capturam os espíritos maus (19). E quem eram esses múltiplos seguidores do deus Onoenrodi, de quem se encontram às vezes, nas mãos das mulheres velhas, retratos singulares? Eis a lebre mágica Naabi montada pelos dois heróis gêmeos que antigamente eram vistos nos flancos de sua mãe (21). Este personagem de cabeça grande é o Velhinho que preside as chuvas e tempestades (21). Porém, os "Santos" que vigoram ainda em certos rituais (20), estão bem longe das peças antigas (21), cujo significado está quase esquecido em todas as partes. O limite entre as figuras de cunho religioso e os brinquedos é, aliás, indelével. A maior parte serve para os dois usos. Passa-se por uma transição, imperceptível aos próprios olhos dos índios, das representações de deuses abandonados às figurinhas grotescas, feitas para as crianças (22).

OS ÍNDIOS DA PLANÍCIE: OS BOROROS

Se os Caduveos testemunham o destino comum que ameaça os índios da América do Sul, os Bororos oferecem, em contrapartida, uma excepcional vitalidade. Estudados pela primeira vez por Karl von den Steinen, mais ou menos na época em que Boggiani atingiu Nalique, sua cultura material parece continuar praticamente no estado em que a encontrou o grande etnógrafo alemão.

A VIDA NA ALDEIA

A aldeia Bororo estende-se à beira de um rio em uma clareira aberta pelos indígenas. É um povoado semi-permanente. Quando as culturas escassas se esgotam, quando a varíola ou a febre amarela a assolam, foge-se da fome e da doença e instala-se em outro local. A aldeia, porém, conserva sempre o mesmo aspecto que traduz a complexa organização social das tribos indígenas. Na área de uma centena de metros, as casas formam um círculo ao redor da Casa dos Homens. Separadas por um diâmetro teórico, as duas metades da aldeia devem se encaixar uma na outra. Cada hemicírculo está, pela vez dele, dividido em áreas mais restritas, determinadas pela filiação matrilinear; estes clãs, que trazem, no mais das vezes, nomes de animais, caracterizam-se pelas obrigações morais e religiosas diferenciadas, bem como pela exclusividade de certos cantos, danças e técnicas. Encontram-se exemplos disso em flechas com blasonadas (30) e nós para pênis (40). Um segundo diâmetro reparte os clãs, em relação ao rio, em grupos de vale e de morro (ver o panorama e o plano da vila de Quejara).

AS TÉCNICAS

O suco do "jenipapo", os grãos alaranjados do "urucum" com que se untam os "peles-vermelhas" dos pés até a raiz dos cabelos, as ceras, as resinas e as cascas de plantas perfumam, com seu cheiro acre, o interior da Casa dos Homens, oficina onde nenhuma mulher pode entrar. O trabalho mistura-se às atividades religiosas; ali os recitativos rituais sucedem os cantos e os indígenas descansam tirando os adereços engastados de nácar e os enfeites de plumas para aliviar, por alguns instantes, um oficiante de voz cansada...

É lá que são confeccionados, na quase totalidade, os objetos de uso: armas, enfeites, peças com função mágica. As ferramentas são muito simples. As ferramentas metálicas não lograram eliminar os instrumentos tradicionais: mó de



"Refeição na Casa dos Homens". *Idem, ibidem.*

pedra para polir madeira e conchas, buris feitos com incisivos de grandes roedores, uma quantidade enorme de pontas de ferro, plaina feita de concha (23). As tarefas femininas restringem-se à cerâmica e à cestaria. Pouca variedade na primeira: potes para água (24), grandes vasilhas destinadas aos banquetes rituais servidos na Casa dos Homens e no final das danças (25), onde cada um mergulha sua tigela de barro ou de concha (26). Os leques para avivar o fogo e matar mosquitos destacam-se nos trançados. Acrescentem-se a eles os leques rituais dos dignatários (27), dos quais não é desrespeito fazer cópias em miniatura para crianças, e toda a sorte de caixas, sacolas e cestas (28).

A CAÇA E A PESCA

Os Bororos não conhecem o pastoreio; com uma agricultura bastante primitiva praticada pelas mulheres, a caça e a pesca lhes trazem os únicos recursos.

Deve-se colocar à parte as caçadas rituais à onça que ocorrem imediatamente após o falecimento de homens. Nessas ocasiões excepcionais são usados arcos de cerimônia tecidos e guarnecidos de plumas de arara e gavião. Cada arco apresenta, na ornamentação, um estilo, uma técnica decorativa, apanágio do clã do proprietário(29). Destacam-se também as flechas com emblemas, as bordas cavadas, lanceotadas ou denteadas, cuja base é enfeitada com fios enrolados e plumas características do clã (30). As mais antigas serviram sem dúvida para a guerra que, no passado, era sua finalidade principal. Porém, nada mais se encontra entre as armas dirigidas contra o homem, além das bordunas de combate (31) que, algumas vezes, desempenham nas brigas esse papel .

Para a caça normal, os índios empregam arcos enfeitados de anéis de cortiça distribuídos sobre a madeira conforme o estilo do clã (32), ou arcos de madeira nua (33). Aos pequenos quadrúpedes endereçam flechas emplumadas de ponta aguda de osso de macaco (34); aos pássaros, as flechas de pontas redondas que não se cravam nos ramos das árvores e não danificam a plumagem (35). Para os animais de covil servem-se de armadilhas de malhas (36).

A pesca também propicia as expedições coletivas. Partem em pirogas ao longo dos rios com redes (37), arcos, flechas de caça, flechas-harpão de ponta metálica (38); o equipamento é completado pelas massas para abater peixes (39).

VESTUÁRIO

Como indumentária completa, os homens trazem um nó de pênis de folha de palmeira. O anel simples protegendo o órgão prolonga-se, nos dias de ceri-

mônia, em um pequeno estandarte rígido ornado de desenhos e de penugem, característico do clã do proprietário (40).

Muitas vezes um fino cinto de palha, simples (41) ou bem trabalhado em uma feira de fragmentos de noz de tucum, de escamas de tatu e de conchas (42), cinge os rins.

Lá pelos 7 anos, o lábio inferior é furado com a ajuda do "barigara", instrumento ritual usado em outros momentos como grampo de cabelo (43). O orifício recebe então um batoque: alguns duros, de couro (desde que os índios possam conseguir restos de um cinturão), em osso, em resina (44) ou ainda cobertos de plumas nas cores do clã (45); alguns articulados, de couro, de osso ou de madre-pérola ornamentado de plumas ou de cabelos de mulher e recortado nas conchas do rio (46).

Todos os homens trazem um pingente feito de duas unhas unidas de "tatu canastra" (47); sua forma de meia lua está às vezes reproduzida nos exemplares em couro e nos pequenos brincos de argola igualmente de couro, alguns dos quais chegam a mostrar um serreado central, lembrando a franja de algodão que lhes serviu de modelo (48). Outros brincos são de nácar ou de escamas, outros de ovo de ema ou de plumas (49). Alguns atingem tamanhos incríveis. Como este par de brincos do "capitão" do rio Vermelho (50).

O pente de coçar (51), de osso afilado, guarnecido de plumas, é sem dúvida um instrumento indispensável para chegar até o couro cabeludo, através da massa compacta de cabelos longos besuntados de urucum.

Na cabeça os bororos trazem faixas trançadas de capim e de plumas (52), coroas de unhas de onça (53), ou ainda turbantes de fios de cabelos de mulher (54). Esses ornamentos variam de um clã para o outro.

Acrescentem-se os adornos "para um dia", feitos em rápidos minutos e abandonados depois de algumas horas: coroas de folhas de palmeira decoradas com figuras geométricas (55), prendedores para cabelo triangulares ou losangulares (56), brincos que lembram peixes ou aves míticas (57), trajes fantasia de palha logo estragados (58).

Resta citar as pinturas de rosto e de corpo, as aplicações de penugem branca e de penas multicores, coladas mesmo sobre a pele com resina e que lembram os bonecos representando guerreiros (59).

A peça principal do vestuário feminino é um cinto alto de fibra negra bem apertada onde se ata, de preferência da frente para trás, um pano branco de fibra amaciada e batida, que passa entre as pernas e cobre o sexo (60). Um pano curto de algodão completa hoje esta roupa que as bonecas estilizam rigorosamente (61).

Depositárias dos tesouros da caça, a mulheres usam pingentes de dentes de onça e gorros ornados com dentes de macaco (62). Trazem - os homens tam-

bém, às vezes - colares de fios cruzados em X sobre o peito, trançados sobre um pequeno tear de bambu (63). As mais ricas, muitas voltas de pérolas engastadas em noz de "tucum", escama de tatu e conchas, primeiro quebradas, os fragmentos polidos depois (64). Somente as mulheres casadas possuem tiras de algodão tecidas pelos maridos, apertadas ao máximo para que fique saltada a parte mais roliça do braço e da barriga da perna, de acordo com o ideal estético da tribo(65).

VIDA ESPIRITUAL

As crianças brincam pouco e partilham, desde cedo, a vida dos adultos; com eles jogam partidas de bola ou recortam animais em madeira pintada (66). Muito freqüentemente, vêem-se as meninas na roça com as mães e os meninos exercitando-se com arcos e flechas de tamanho reduzido (67).

Os adultos não precisam de brinquedos; a atividade religiosa, que toma a maior parte dos dias e das noites, é fonte inesgotável de distração. Nada se mostra austero nas cerimônias e danças, nas quais a fantasia e a improvisação se dão livre curso. A brincadeira, a vida social, a vida religiosa, não saberiam se dissociar.

A imaginação indígena produz também uma variedade incrível de enfeites para dança. Cada família possui suas araras domésticas, manchas de esmalte precioso sobre os tetos da aldeia; periodicamente as vítimas são depenadas vivas, havendo mesmo forma de mudar-lhes a cor besuntando-as com substâncias tóxicas.

As penas, terminada a confecção do ornamento, são guardadas em estojos escavados em troncos de árvores (68). É desnecessário dizer que esses enfeites de festa são coloridos e correspondem aos "brasões" dos clãs. Os Bacoros fabricam prendedores para cabelo recobertos de trançado de fios sobre alfinetes de porco-espino (69); os Bocodori fixam no septo furado do nariz a pluma dupla que é seu privilégio; os Badejebas são reconhecidos pelas penas negras e brancas de gavião (70,71)...

Às cores dos clãs obedecem também os coques de penas ou de pele envolvendo uma rodela de palha presa à nuca(72), os bastões de dança (73), os altos grampos para a cabeça trazendo uma haste balouçante ou enfeitados de bicos de tucano (74).

Cobertos de vestimenta de folhagem, os dançarinos colocam na cabeça diademas de penas blasonadas (75). Uma viseira de plumas lhes esconde completamente o rosto (76). Mas, nada se iguala à aparência majestosa do "leader" da dança, com a sábia edificação de sua alta coroa (77), confeccionada pelo próprio chefe.

Um morto vai ser celebrado. O diretor da dança ritual recebeu os emblemas familiares: flautas emplumadas, trombetas de cabaça (78). Mas, mesmo a morte é acompanhada de festa. Conduzidos pelo bater sutil dos machados fúnebres (79), os coros se elevam, ampliam-se, aceleram ou retardam os movimentos. Todos os pés batem na terra ao mesmo tempo. Um sopro poderoso tira da "panna" sons roucos (80). As trombetas funerárias ressoam (81). Então, enquanto as mulheres escondem o rosto para não morrer, os "bull-roarers" (82) que giram na Casa dos Homens fazem ouvir seu zumbido terrível.

GRUPOS DIVERSOS

Reunimos sob este título alguns objetos que provêm dos índios Guarani e Caingang do Alto-Paraná e do Médio-Tibaji, para dar aqui uma idéia dos grupos fragmentários que se disseminaram na população brasileira. Vale destacar o arco Guarani, de tamanho excepcional (83), e outros objetos: cestaria, cerâmica etc. de uso comum, nos quais se mesclam, ainda, lembranças do tempo antigo, dos instrumentos de pedra polida (84).

C. e D.L.S. (janeiro, 1936).

Bibliografia Sumária

I SOBRE OS CADUVEUS

BOGGIANI, Guido. *I Caduvei* (Mbayá o Guayeuru). Roma, 1895; *I Caduvei: Studio intorno ad una tibu indigena dell'alro Paraguay nel Matto Grosso (Brasile)*. Roma, 1895.

LOUKOTKA, Cestmir. Contribution à l'Etude de la Vie et du Langage des Indiens Kaduveo. *Journal de la Société des Américanistes*. Nouvelle Série, t.25. Paris, 1933, p. 251-277.

II SOBRE OS BOROROS

STEINEN, Karl von den. *Unter den Naturvolken Zentral-Brasiliens*. Berlin, 1894.

COOK, W.A. The Bororo Indians of Matto Grosso, Brasil. In: *Smithsonian Miscellaneous Collections*. t.1, parte 1. Washington, maio 1907, p. 48-62.

COLBACCHINI, D.A. *I Bororos Orientali*. Turim, Società Editrice Internazionale, (1925).

LÉVI-STRAUSS, Claude. Contribution à l'étude de l'organisation sociale des Indiens Bororo. *Journal de la Société des Américanistes*. Nouvelle Série, t.28. Paris, 1936, p. 269-304.